

A BUSCA POR UM NOVO MUNDO: políticas públicas, latino-americanismo e liminaridade a partir de pesquisa sobre a Universidade Federal para a Integração da América Latina (Unila), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil¹

Patrícia Silveira de Farias

Graduação em Jornalismo (PUC-Rio), Mestrado em Teorias da Comunicação e da Cultura (ECO/UFRJ) e Doutorado em Antropologia Cultural (IFCS/UFRJ). Pós-doutorado em Estudos Culturais (PACC-Letras/UFRJ) e em Antropologia Social (UFRGS), com estágio pós-doutoral no King's College, Londres, Reino Unido. Professora titular da Escola de Serviço Social da UFRJ e Coordenadora da Área 3 - Cultura e Serviço Social no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq Sociabilidades Urbanas, Espaço Público e Mediação de Conflitos - GPSEM

Resumo: Este texto se estrutura em três eixos que se complementam. O primeiro focaliza políticas públicas de ampliação de acesso no campo da educação superior brasileira, particularmente o caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a Unila, e a internacionalização dessa modalidade de ensino. O segundo eixo analisa uma noção central em torno da qual se constrói e se dinamiza a “experiência Unila”: a identidade latino-americana, tanto a partir de seu percurso histórico quanto por meio das vivências dos entrevistados. Nesse sentido, indico o rendimento do conceito de liminaridade para acessar a dimensão dos impactos e da transformação provocados por essas políticas. Por fim, em seu terceiro eixo, o trabalho reflete sobre como padrões de sociabilidade étnico-racial, de gênero e de classe social contribuem nessa dinâmica. Para isso, foram feitas 18 entrevistas em profundidade, com alunes e docentes, observação e conversas informais, além de levantamento bibliográfico e documental.

Palavras-chave: Universidade; Unila; Internacionalização; Identidade Latino-americana; Transetorialidade.

THE QUEST FOR A NEW WORLD: PUBLIC POLICIES, LATIN AMERICAN IDENTITY AND LIMINARITY IN A RESEARCH ON THE FEDERAL UNIVERSITY FOR LATIN AMERICAN INTEGRATION (UNILA), FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, BRAZIL

Abstract: This paper is built on three tracks of analysis. The first is based on public policies related to expand the access to universities, focusing on the case of Federal University for Latin American Integration (Unila), as well as the internationalization of higher education. The second track lies on the analysis of a core issue linked to the Unila experience: the configuration of Latin American identity, not only from its historical development, but also from the perspective of students and teachers. Finally, the third track reflects upon how patterns of ethnic, gender and social class sociabilities related to this dynamic. For this purpose, 18 interviews with students and professors were done, as well as observation, informal chats, and bibliographic and documental resources.

Keywords: University; Unila; Internationalization; Latin American identity; Transectoriality.

Introdução

Este artigo gira em torno do papel das políticas de educação como instrumento de transformação, seu alcance e limites. Para isso, a análise se centra no caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), em Foz do Iguaçu, Paraná. Serão acionadas ainda reflexões sobre juventude, gênero, relações étnico-raciais, violências, territorialidade e políticas públicas.

Na pesquisa, de cunho qualitativo, realizei 18 entrevistas em profundidade, sendo três com professores e 15 com alunos de diversos cursos, gênero, raça/cor/etnia e territorialidades. Todos os estudantes tinham entre 20 e 30 anos. A maioria pertencia às camadas sociais média e média baixa, e três vinham de situações mais precárias. Além disso, fiz levantamento bibliográfico, observações exploratórias e conversas informais.

As políticas públicas de acesso e internacionalização do ensino superior: o caso Unila

Na primeira década do século XXI, a adoção de políticas de ação afirmativa nas universidades focalizou o enfrentamento das desigualdades de acesso e permanência no ensino superior sofridas pelos grupos historicamente em situação de subordinação e discriminação, especialmente a população não branca e trabalhadores de baixa renda.² Um ingrediente a mais nessa política é colocado pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU) em 2010, que, a partir das notas obtidas por cada estudante no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), permite sua inscrição em qualquer curso das instituições participantes em qualquer ponto do país. Por consequência, Enem e SiSU colaboram para aumentar o leque de opções e deslocamentos territoriais possíveis a estudantes, para além da tradicional concentração em instituições do Sudeste.

No campo da internacionalização do ensino superior, o Estado brasileiro também desenvolveu ações que visavam a mobilidade acadêmica entre universidades ao redor do mundo, assim como projetos conjuntos interinstitucionais. Programas como Ciências Sem Fronteiras, que fornecia bolsas de mobilidade internacional para estudantes de graduação, e o aumento do interesse e das dotações para projetos conjuntos com universidades de países do Sul global foram algumas iniciativas desenvolvidas com esse fim.³

A fundação do bloco econômico do Mercosul, considerada uma contrapartida geopolítica à União Europeia, também aponta um interesse de fortalecer os países do continente latino-americano e de pensar a desigualdade não apenas em nível interno, mas também em termos internacionais. Nesse contexto, as artes e a educação foram consideradas pontos fulcrais para a conquista dessa meta principal – o combate à desigualdade entre as regiões do mundo (ALMEIDA, 2015).

Assim, de um lado, tratou-se de enfrentar as desigualdades brasileiras estruturais, de classe e raça/etnia, e também regionais. De outro, a aproximação de conhecimentos e histórias latino-americanas visou uma atuação política e social mais integrada, na tentativa tanto de superar antagonismos e disparidades regionais históricos quanto, no quadro mais geral, combater a subalternização geopolítica em relação aos países ditos centrais.

A internacionalização do ensino superior vem sendo discutida e implementada sob diferentes perspectivas. Perrota (*apud* SANTOS, 2017), por exemplo, considera que há duas grandes tendências sobre o assunto. Uma delas julga que a internacionalização é parte de um movimento para ampliar a chamada comunidade internacional de conhecimento e também aumentar o diálogo entre diferentes grupos sociais, desafiando paradigmas ocidentais recorrentes e estimulando conexões entre as nações do Sul global. Esta seria a “internacionalização solidária”.

A outra perspectiva sobre a questão é chamada pela autora como a “internacionalização fenícia”, ou “comercial”, que enfatizaria a “expansão do pensamento colonial”, a partir da ideia de ensino superior como mercadoria, cujo foco seria um conhecimento orientado pelo e para o mercado, tendo como base paradigmas eurocêntricos.

Com efeito, historicamente, o movimento de estudantes e pesquisadores dos países do Sul global para Europa, Estados Unidos e Reino Unido foi o principal objetivo das políticas públicas destinadas à internacionalização da educação universitária. (cf. BRANDENBURG; DE WIT, 2011; SANTOS, 2017; FREIRE JR., 2017). Porém mais recentemente a própria ideia da internacionalização esteve sob ataque; de um lado, pelos que a consideram um instrumento para a consolidação da hegemonia do pensamento ocidental como forma de manter o poder político e econômico sobre países periféricos. De ou-

tro, críticos ultranacionalistas e conservadores americanos e europeus afirmam que essa circulação de pessoas e de saberes de diferentes países é nada menos que uma ameaça à segurança nacional.

Para além dessas críticas, é importante lembrar que o direito de ir e vir é considerado um direito humano básico e, como tal, a mobilidade acadêmica pode ser vista não do ponto de vista de uma “diáspora ou fuga de cérebros”, ou de uma suposta “ameaça forasteira”, mas como uma outra forma de relação entre países. Relação que constrói novas redes de colaboração e outros circuitos de circulação de recursos e de conhecimento e, dessa forma, voltamos à questão da “internacionalização solidária”.

Nesse sentido, a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), em 2010, na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, sul do país, está ligada a uma perspectiva política e econômica, tal como citado acima, na qual o foco se direciona a estudantes e pesquisadores do Sul global. Nesse mesmo esforço, além da Unila, foram fundadas a Universidade Federal para a Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), no Ceará (Nordeste do Brasil), que recebe estudantes de países africanos lusófonos; e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que incentiva a troca com países do extremo sul do continente, assim como a Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Nesta pesquisa, me ative ao estudo da Unila.

Mas, para entender melhor a formação e o projeto Unila, proponho primeiro conhecer um pouco o território de Foz do Iguaçu, sede da nova universidade.

Foz

Foz do Iguaçu faz parte da região conhecida como Tríplice Fronteira, entre Paraguai, Argentina e Brasil. A vocação econômica de região de intenso comércio fronteiriço, inclusive com tarifas especiais de importação, se expandiu a partir da construção da hidrelétrica e também de acordos econômicos estabelecidos pelos governos da região.⁴ No que tange à população, isso resultou no crescimento de Foz, que passou de pouco mais de 20 mil habitantes, nos anos 1970, para mais de 100 mil, uma década depois, chegando aos 186 mil nos anos 1980. É quando surge, no Brasil, a figura dos “sacoleiros” – brasileiros que transitam por Ciudad del Leste e Foz em busca de mercadorias para revender para o resto do país a preços módicos.

Nesse sentido, cabe lembrar as observações de Cárdenas e Webber (2018), que indicam que espaços de fronteira apresentam o mais das vezes configurações próprias, relacionadas ao constante contato intercultural; assim, seriam “espaços polissêmicos”, marcados muito mais pelo fluxo do que por rígidos limites territoriais oficiais.

No caso de Foz do Iguaçu, esse aspecto é reforçado pelo intenso movimento migratório para a região. Também outra imagem estereotípica transparece nos discursos sobre Foz nos meios de comunicação e entre pessoas de outras regiões, a partir da constatação desse intenso fluxo internacional e de mercadorias: o de *locus* de comércio ilegal de produtos eletrônicos ou mesmo armas e drogas.

O crescimento de Foz continua até os dias de hoje. Conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a população total de Foz do Iguaçu seria de 263.915 pessoas (IPARDES, 2022). E o discurso oficial sobre a cidade também aponta a relação entre esse contínuo crescimento e sua diversidade cultural, construída ao longo do tempo; no *site* da Prefeitura de Foz do Iguaçu, por exemplo, se afirma que há mais de 80 diferentes nacionalidades vivendo na cidade.

Essa perspectiva da “diversidade integrada” é encarada com bastante reserva pelas entrevistadas, em especial, por quem nasceu e foi criado na cidade. Como a aluna A. L., mulher branca, iguaçuense, comenta:

Foz do Iguaçu se diz uma cidade muito diversa e muito harmônica... mas você vê que é meio isolado, né, o árabe no lugar do árabe, o paraguaio no lugar do paraguaio, que sofre muito preconceito aqui, o argentino no seu lugar, e o brasileiro... no lugar do brasileiro. Mas eu acho que com a Unila... a Unila veio pra mostrar: não, integração se faz assim... a universidade tá tentando muito dar um exemplo, de como se faz essa integração.

Unila

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana foi criada pela Lei Federal 12.189 (BRASIL, 2010). Suas atividades estão distribuídas em três *campi* – Unidade Jardim Universitário, Parque Tecnológico Itaipu e o *Campus* Integração, primeira unidade própria da universidade, ainda em construção. Foi concebida como uma instituição multicultural, oferecendo no início 50% de suas vagas para estudantes de outros países latino-americanos. De acor-

do com essa perspectiva, todos e todas as/os estudantes cursam disciplinas sobre a formação histórica latino-americana, assim como cursos de português, para hispanofalantes; e de espanhol, para brasileiros. De acordo com dados disponíveis no *site* da instituição, em agosto de 2022, a Unila possuía 6.597 alunos, de 37 nacionalidades, oferecendo 29 cursos de graduação e 13 de pós-graduação *strictu sensu*.⁵

Em 2014, é aprovada pelo Conselho Universitário da Unila a Resolução 37, que institui o Programa Pró-Haiti na Unila, com criação de vagas para haitianos portadores de visto humanitário. Essa resolução seguia a diretriz do Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior que, sob a coordenação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 2010, elaborou uma política de bolsas de estudos em universidades para haitianas/os, se enquadrando como ação afirmativa. A ideia era apoiar um país então devastado por um terremoto, que destruiu inclusive sua estrutura de ensino, e que também enfrentava uma séria crise econômica.

A Unila, assim, tentava ampliar o alcance da própria noção de Latino América, e passava a abranger mais incisivamente o Caribe. Nesse movimento, revisitava um caminho, construído historicamente, que buscava desenhar os contornos sociais, políticos, econômicos e estratégicos do continente latino-americano.

Latino América, percursos de uma identidade

Um brevíssimo panorama histórico sinaliza que a ideia de uma identidade latino-americana se forjou em contextos de luta pela independência nacional por parte dos países da região. Assim, se afirmar latino-americano era, naquele momento, uma estratégia política em busca de apoio entre os países e entre a população na luta anticolonial. Um bom exemplo disso foram os esforços de Simón Bolívar e José Martí para construir uma Latino América unida em torno do combate ao colonialismo ibérico.

Entretanto, no contrapé desse pensamento, a Guerra do Paraguai, em fins do século XIX, une Argentina, Brasil e Uruguai em suas ambições comerciais e territoriais contra outro país latino-americano, o Paraguai. Derrotado após a morte de quase 70% da população masculina nesse confronto, o Paraguai

sofre até hoje os efeitos dessa guerra, tanto econômica quanto política e socialmente.

O latino-americanismo é retomado no século XX, sob a premissa da superação da dependência econômica, social e epistemológica, marcas da situação histórica de colonialidade. Em 1948, a partir de iniciativa da ONU, é criada a Comissão Econômica para a América Latina, a Cepal, que, particularmente a partir da teoria do desenvolvimentismo na região, é reconhecida como um marco no continente. Em 1984, a Comissão passou a se chamar Comissão Econômica para a América Latina e Caribe, reconhecendo a similaridade dos processos de dominação colonial nesses territórios (cf. *site* da Cepal). No campo da luta política, pode-se dizer que, no século XX, Ernesto Che Guevara incorporou essa reivindicação por independência contra a opressão neocolonial e imperialista de Europa e Estados Unidos sobre a América Latina.

Mas as contradições dessa imaginada comunidade latino-americana, especialmente aquelas relacionadas a questões étnicas e de gênero, mereceram maior atenção após a redemocratização dos países da região, no fim do século XX. Autora importante neste novo momento é Lélia González, que afirma que tanto gênero quanto “raça” – além de classe – estão intrinsecamente ligados à própria formação social brasileira (1983). E indica o conceito de “amefricanidade” (1988) como forma de compreender mais profunda e amplamente o continente latino a partir da cultura nativa e dos povos africanos que para cá foram forçados a vir.

Recentemente, os conceitos de “epistemologias do Sul” e “colonialidade de poder” (QUIJANO, 2005) se incorporaram a essas reflexões. A premissa é que a epistemologia dos países centrais foi fundamental para a dominação socioeconômica, assim como para a dominação étnica e de gênero, sufocando outras perspectivas de mundo e formando o “epistemicídio” – o apagamento do pensamento não europeu sobre política, economia, nacionalidade, gênero, sexualidade e “raça”.

Nessa direção, a discussão e o próprio desenho do que seria essa identidade latino-americana se complexificam e se expandem, até que uma universidade de e para a América Latina saísse do papel e se tornasse prática no sul do Brasil. Mas de que forma isso ocorre? É o que veremos a seguir.

Entrando para a universidade, ou “a Unila é outro mundo”

O encontro com a diferença está presente na entrada para a universidade, seja ela qual for. É uma nova fase da vida, em que a escola da vizinhança, com crianças e jovens o mais das vezes das redondezas, fica para trás. E se esse tipo de instituição por si só é atratora de diferenças, a Unila traz mais um ingrediente: a diversidade de nacionalidade. Nos comentários das pessoas entrevistadas, são comuns as referências a esse encontro com pessoas de várias origens territoriais. Ao mesmo tempo, o encantamento com toda essa diversidade vem acompanhado da consciência de que estavam todes juntas na mesma posição de aprendizado – um aprendizado para além do curso.

D., autotranscrita “garota paraguaia, mestiça” declara:

O processo de matrícula, eu fui com minha avó, minha irmã e minha mãe...e a impressão foi muito grande, porque a gente ficou “Meu Deus” vendo os grafites, coisas que numa universidade tradicional é totalmente criminalizado... Então isso foi um choque gostoso... Como a professora X. fala, a Unila é outro mundo.

E J., autotranscrito “homem negro, haitiano”:

Era dia de muita, muita alegria! Ah estou na Unila! [...] É como que a galera.....todo mundo tá feliz (ri muito) Como é contagiante! [...] E eu tava nessa imersão de alegria. Era um outro mundo; cheguei num outro mundo. No Novo Mundo.

É interessante observar que, ao reconhecerem a diferença desse “novo mundo”, num movimento reverso, os relatos refletem sobre a própria condição social. Assim, identificam no novo ambiente uma moralidade diferente da dos pais, ou as condições de trabalho precarizado e/ou o afastamento dos estudos deles mesmos e de seus familiares.

O contato com a diversidade fez a maioria reconsiderar também seu pertencimento étnico-racial. O venezuelano que fala “eu achava que era branco, mas agora eu acho que eu sou meio indígena, né” ecoa a paraguaia que prefere não declarar raça/etnia “porque estou em processo”, ou a carioca que rindo afirma que “no Rio eu até passava por branca, né, mas aqui eu dei uma enegrecida”. Já uma colombiana sinaliza: “na Colômbia eu não me identificava como preta, mas sim aqui no Brasil”. Enquanto isso, N1,

mulher da etnia tikuna, vinda da Amazônia, comenta: “eu sou cor indígena”.

A descoberta dos outros como redescobertas de si também atinge territórios, como em outra fala de N1: “Pra mim é meio maluco né, entrei em contato com pessoas de outro tribo... é tão bonito... nunca conheci essas várias etnias que vieram estudar aqui... Aí fico gostando disso, eu fico assim surpreendida, emocionada”.

Comparar essa experiência com a perspectiva de A3, branca, mulher trans, moradora de Foz, sobre a presença da alteridade indígena na universidade, é revelador do aprendizado profundo por que esses e essas estudantes passam nesta universidade:

você pega pessoas que são de maioria de uma cultura oral, pra entrar dentro de uma universidade cheio de coisa textual... E é incrível, porque [...] eles compreendem esses textos tão profundamente, que a exposição dessas pessoas é mais incrível que a do autor.

Tornar-se latine, ou: les unileres

O movimento do reconhecimento da diversidade num terreno em comum, ou seja, a universidade, é direcionado gradativamente para a construção de uma outra identidade coletiva: a de pertencimento à América Latina. Sem dúvida, essa dinâmica é impulsionada pelo desenho pedagógico e político da Unila e, também, por iniciativas da gestão universitária. A disciplina Formação da América Latina, obrigatória para todos os cursos, é citada repetidas vezes nos relatos como o momento inicial da consciência do “ser latino-americano”. Os cursos de língua espanhola para lusofalantes e de português para *hispanohablantes*, se, de um lado, são outro momento de reconhecimento da alteridade linguística, de outro, também são reconhecidos como iniciativas de “equalização” da diferença para a construção de um entendimento mútuo.

Desde seu início, o núcleo gestor brasileiro e representantes dos países vizinhos perceberam a importância de estimular este encontro continental.

G2, professor, homem, cis, branco, conta:

Lembro de um fato na chegada de estudantes estrangeiros, que foi a abertura do ano, em que havia a vice-ministra da Educação paraguaia. Ela foi lá, levar 50 estudantes. E ela disse: “Hoje, o Paraguai comemora o Dia de los Niños – que era uma homenagem às crianças que sobreviveram à Guerra do Paraguai – “Agora o Brasil acolhe nossos meninos que vêm estudar aqui, enquanto no

passado nos matavam na guerra”... Isso me marcou muito.

Se o “projeto Unila” induz a uma latino-americanidade a partir da gestão universitária, também ações estudantis contribuem na mesma direção. Festas, criação de coletivos mistos e excursões são um sinal significativo. Mas, mais que isso, o desenvolvimento de uma espécie de língua própria acaba tornando a experiência única; o “famoso portunhol”, como indicam vários relatos, incorpora não só as duas línguas dos colonizadores, mas também palavras em guarani, gírias dos países do continente, e mesmo expressões do *creole* do Haiti.

A1, autoclassificade “negre, gênero fluido” de Rondônia, analisa este processo:

Eu não me sentia latino-americane antes de entrar na Unila, né... Tipo, a educação que a gente tem na maior parte das escolas faz a gente reverenciar e estudar mesmo só a história europeia, norte-americana, entende? ...junto com essa identidade unileira, a gente constrói a identidade latino-americana.

Liminaridade

Com as políticas de expansão de instituições federais pelo Brasil e pelas ações mencionadas acima, amplia-se o sonho de cursar uma universidade pública para as camadas populares, não brancas. Assim, essas políticas públicas podem ser vistas como movimentos de fragilização da estrutura social brasileira, calcada em desigualdades de classe, raça/etnia e territoriais constitutivas do país, e também de abalo do próprio caráter da universidade brasileira e latino-americana, em sua formação histórica classista, racista, heteronormativa e legitimadora ainda das desigualdades entre regiões, estados e cidades.

Dessa forma, a entrada nesta universidade se torna o início de uma “suspensão” da estrutura cotidiana, e uma busca de “equalização” de neófitos na direção de uma nova posição profissional, mas também de uma nova cosmovisão, integradora de processos históricos similares. No caso da Unila, foco da pesquisa, o critério de “equalização” seria a latino-americanidade. A partir deste solo comum, seria possível a entrada num novo entendimento do cotidiano, unificado por vivências e demandas comuns que caracterizam a experiência América Latina, como dizia González (1988).

É possível e produtivo, neste momento, recuperar os estudos de Victor Turner (1974) sobre o estado

de liminaridade. Aproveitando as indicações de Arnold van Gennep sobre os ritos religiosos de passagem e seus três estágios – desagregação, liminaridade e reagregação sob novo *status* –, Turner se detém na análise dessa transição que se configura como um nivelamento de *status* entre os neófitos. Essa “suspensão” da estrutura hierárquica do grupo social é caracterizada por um sentido de *communitas*, tendo como desdobramento posterior uma “regeneração” dos laços humanos que ligam os grupos, para além das posições, hierarquias e obrigações do dia a dia.

O rendimento dessa perspectiva teórica para o estudo das sociedades pode ser indicado na própria obra de Turner e sua análise, por exemplo, do movimento *hippie* norte-americano como uma tentativa de *communitas*, sem, porém, deixar de lado os limites desta sua proposta. No caso brasileiro, é famoso o estudo de Da Matta (1997) sobre o carnaval como um ritual de liminaridade que caracteriza a sociedade brasileira.

Os limites da liminaridade: territorialidade, gênero, raça/etnia

É possível perceber que a identidade unileira vai sendo construída a partir de dois polos. Um deles, como dito acima, tem a ver com o pertencimento a uma latino-americanidade, definida a partir da condição de inserir na Unila. Porém, o outro polo se define a partir da fricção com outra identidade, aquela representada pelos habitantes de Foz do Iguaçu.

M, mulher, cis, negra, carioca:

muito rápido eu percebi que, andando pela cidade, eu era um rosto diferente, um corpo diferente. As pessoas me olhavam na rua, se cutucando, ou então eu ia no comércio, e por mais que eu falasse em português, a pessoa me respondia em espanhol, porque ela assumia que eu não era de lá. Como se um brasileiro não pudesse ter esse rosto que eu tenho.

A contraposição entre “unilera” e “local” destaca a dificuldade da identidade brasileira diante do pertencimento ao continente. Essa dificuldade vai se insinuando até abarcar brasileiros não nascidos/criados em Foz do Iguaçu, numa dinâmica que, para os locais, marca “quem é de fora” com o sinal do perigo, opondo assim os moradores mais antigos e os/as “unileros/as”. Nessa direção, é preciso entendê-la como uma configuração, pois, essas identidades, ao

se definirem como diferentes, se enredam numa interdependência em que a definição do “nós” é compreendida como necessária contrapartida para a definição dos “outros”.

Mas para entender melhor essa oposição, é preciso também levar em conta dois outros fatores que contribuem para acirrar a disputa entre “unileres” e “locais”. O primeiro deles é a situação nacional, em que, nos últimos anos, vimos crescer grupos políticos de uma bélica extrema-direita, ultranacionalista e altamente conservadora. Nesse ambiente, a criação da Unila, feita no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, e que aponta para a superação de fronteiras nacionais, não é bem-vinda; especialmente por se tratar de um governo identificado como sendo “de esquerda”.⁶

O segundo fator, regional, era a presença dominante das universidades privadas na cidade antes da instalação da Unila. Contando com apenas uma instituição pública, estadual, a Unioeste, Foz concentrava o ensino superior nas mãos de grupos privados, que viram a concorrência crescer a partir da criação da Unila, abarcando um número cada vez maior de cursos e praticamente todo o segmento de pós-graduação. Em dados de 2020, é possível vislumbrar essa dinâmica entre ensino superior público e privado: naquele ano, havia 15.066 pessoas matriculadas em universidades, sendo 5.735 na Unila; 1.756 na única instituição estadual – Unioeste; e 7.575 nas oito universidades privadas. Sem dúvida, para os grupos empresariais que gerenciam essas instituições pagas, a fundação de uma grande universidade pública na cidade não foi um bom negócio – o que pode ter contribuído para o clima hostil.

Nesse contexto, marcadores sociais de gênero, raça/cor e origem nacional são acionados para caracterizar quem vai ser alvo dessas violências.

Março de 2014. Martina Piazza Conde, uma mestrandia uruguaia de Antropologia, foi assassinada por um rapaz da cidade, que invadiu sua casa. Esse fato constituiu um marco nas relações entre locais e unileres, particularmente mulheres.

M, mulher negra, cis, carioca:

Esse pessoal [...] tem muito orgulho de falar “minha família mora aqui há 40, 50 anos”, sei lá... Então pra eles [...] começou a chegar uma galera diferente no bairro, era um estranhamento muito grande... Lembro quando me chamaram pra morar nessa casa, e acontece que a casa foi assaltada, e quando a gente foi falar com o proprietário

da casa pra melhorar a segurança, o dono falou “a casa foi roubada porque a culpa é sua”. Nos anos que eu morei lá, perdi a conta das vezes em que fui assaltada, sempre entravam dentro da minha casa e roubavam as coisas [...]. Na rua eu ia perguntar que horas são pra uma velhinha, assim, ela segurava a bolsa, com medo.... Mais de uma vez eles picharam na casa: “Vão embora de Foz”, tipo “esse lugar não é de vocês”.

A mulher acima é negra. Nesse sentido, as violências de gênero se entrecruzam com as de raça/cor. Completando o quadro, também ouvi relatos de mulheres haitianas, negras, que precisam da ajuda de homens ao fazerem compras ou outras atividades pelas ruas, pois são assediadas sexualmente ou simplesmente xingadas por “locais”. Raça/cor e nacionalidade são marcadores que também ajudam a entender o caso a seguir, outro, emblemático dos conflitos que permeiam as relações entre estudantes da Unila e moradores locais.

Maio de 2016. Manchetes de vários jornais noticiam que o aluno haitiano Getho Mondesi, do curso de Administração e Políticas Públicas, foi espancado em Foz do Iguaçu por um grupo de jovens (brancos) que proferiram, enquanto o surravam, xingamentos de cunho racista e xenófobo.⁷

Estudos sobre a circulação e ocupação de pessoas negras em espaços públicos (cf. SANSONE, 2007; CECCHETTO, 2004; PINHO, 2008; GUIMARÃES, 2000; HASENBALG, 1979), embora com objetos e perspectivas distintas, trazem em comum uma constatação pendular. De um lado, a existência de um exercício constante dessa parcela da população, particularmente os mais jovens, de ressignificar e ocupar lugares públicos. Do outro lado do pêndulo, porém, diversos trabalhos indicam que a circulação de indivíduos negros pela cidade é cercada por um padrão de suspeição, configurando uma confluência entre discriminação racial e de classe.

J, haitiano, homem negro, narra:

Um amigo ia viajar e deixou a chave da casa comigo. Eu fui lá, ele pegou as coisas dele e foi embora na moto. De repente um cara na rua tirou um revólver, falou “você deita aqui no chão se não te explodo a cabeça!” Eu me deitei como uma folha... “Olha essa casa que você acabou de roubar!” E eu tô com as mãos vazias “Quê???? Cara, eu não sou nem daqui, eu sou estrangeiro, o que você tá falando? Soy estudante, da Unila, falei o que tava fazendo ali, eu tava chorando.... “Ah, desculpa, a vizinhança me chamou...” Pegou o

carro dele, e foi embora... Aí cheguei na outra quadra veio a polícia do município: “Tá com arma, aí? Mão de cabeça! E essa casa que você acabou de roubar?” E a casa é linda, entendeu? [...] Como que um negão pode entrar e estar saindo de uma casa así, entendeu? É muito, muito bizarro....E eu falei “mas por quê? Por quê? É por minha cor?” E o policial falava “sim” ... e ele, esse policial do município, era negro também.

Iniciativas institucionais tentam se contrapor a esse ambiente hostil aos/às unileres. Um eixo dessas iniciativas se direciona ao estabelecimento de projetos de pesquisa, extensão e atividades entre as universidades públicas locais, Unila e Unioeste, estadual. Um outro eixo de atuação é o de fortalecimento de laços com a comunidade, a partir da criação de projetos de extensão envolvendo grupos locais de agricultores, além de movimentos sociais. Ainda, outro conjunto de ações se dirige à formação de redes com organismos institucionais municipais, estaduais e regionais. Nesse sentido, foi criado em 2019 o Observatório de Gênero e Diversidade da América Latina e Caribe, encabeçado pela Unila, de que participam as secretarias estaduais de Direitos Humanos, Assistência Social, e Saúde, a Delegacia da Mulher, a Guarda e a Patrulha Municipais, o Ministério da Mulher do Paraguai, a Secretaria de Assistência Social da argentina Puerto Iguazu e movimentos sociais; a ideia é levantar dados e estabelecer ações conjuntas sobre violência de gênero e raça na região.

A volta à “estrutura”, ou: depois da Unila

No processo ritual que Turner (1974) descreve, está prevista também a etapa de saída da liminaridade, com o fim de determinado aprendizado e volta à estrutura social, porém sob novo *status*. No caso das universidades, essa saída significa ou a conquista de um diploma ou a evasão antes do fim do percurso. Mas, e a Unila? O que fica da experiência unilera?

É possível afirmar que há permanências. Mudanças no circuito de convivência e de locais de moradia são desdobramentos relatados dessas vivências, assim como o entendimento sobre o papel do Brasil e suas relações com os outros países da região.

A2, mulher cis, negra:

(A Unila) mudou [...] a visão que eu tinha da relação com as pessoas, porque como eu sou de Foz do Iguaçu, a realidade que eu conhecia era aquela das pessoas aqui da cidade né? [...] como eu tive contato com pessoas de fora, de outros pa-

íses, então tinha muito mais pessoas negras do que eu tinha contato aqui em Foz, porque aqui é uma cidade extremamente racista, então a gente não tem muito contato, tudo isso foi mudando; mudou a estética, mudou o jeito de vestir, mudou completamente tudo, assim.... eu posso te dizer que mudou da água pro vinho.

A3:

Acho que a Unila me fez pensar muitas questões sobre o conhecimento, e sobre onde esse conhecimento gira e [...] do por que a gente quer tanto ir pra Europa estudar, pra ter algum tipo de *status* né. (...) a Unila me mudou completamente [...] me deixa muito mais informada sobre aquilo que eu quero fazer da minha vida tanto pessoal quanto profissionalmente.

No entanto, para algumas pessoas que passam por essa experiência, a volta à estrutura não significa nenhuma transformação em suas vidas práticas. Dois casos expressam essa desesperança quanto ao futuro após a Unila. M., aquela que foi assaltada e teve a casa invadida e pichada um sem-número de vezes, abandonou a Unila e voltou para o Rio; cansaço e medo das recorrentes experiências violentas são as justificativas, além da descrença de que o diploma traria alguma melhoria em sua vida.

J., que sofreu violência policial e agressões nas ruas, está no fim do curso e longe de esperar qualquer mudança em seu depois:

Eu me vejo agora sem futuro [...]. Não sei onde que vou trabalhar; vou me formar daqui a pouco e eu já sei que vou trabalhar com limpeza... eu já trabalhei com limpeza, e aí vim pra cá estudar, com a esperança de que o futuro vai ser melhor, mas aí... [...] Foz de Iguaçu não tem trabalho. Ou não dá trabalho. Não há trabalho pra migrantes. Uma coisa que a cidade não quer de nós.

Considerações finais

Retomando o caminho trilhado até aqui, cabe em primeiro lugar analisar as políticas públicas de ampliação de acesso ao ensino superior como pertencentes a uma nova maneira de encarar a própria gestão do Estado. Dessa forma, lembro aqui que este processo pode ser entrevisto no movimento em direção à transdisciplinaridade (cf. DE FREITAS; MORIN; NICOLESCU, 1994). Nessa perspectiva, o pensamento sobre meio ambiente, comunicação, direitos humanos e políticas públicas não pode ser limitado aos saberes de uma ou outra ciência. Tem necessariamente de ser perpassados por diversos campos de

conhecimento e modos de atuação, mais produtivos e eficazes na transformação social vista como necessária.

A transdisciplinaridade se desdobra, no campo das políticas públicas, na perspectiva transtetorial, que expressa a necessidade do trabalho em rede, a partir da consideração de que fenômenos complexos precisam de respostas complexas e integradas no que tange a políticas públicas. Nesse sentido, o projeto de internacionalização do ensino superior e os de ampliação de acesso às universidades podem ser vistos como iniciativas que se propõem a efetivar ações na educação, porém conjugadas a uma perspectiva socioeconômica de fortalecimento de blocos partícipes do Sul global, e da construção de pontes políticas para problemas comuns resultantes de heranças históricas coloniais. Uma questão que deve ser encarada sob a perspectiva de políticas transtetoriais, portanto.

O que estou sugerindo a partir deste estudo é que a internacionalização solidária a partir do caso Unila tem servido para desvelar as estruturas tradicionais de discriminação e desigualdades. Mais que isso, as interpela e propõe um novo arranjo, novas interações e sociabilidades. Daí, as reações adversas que apresentei sucintamente pelos casos emblemáticos da morte da aluna uruguaia, do espancamento do estudante haitiano e das violências relatadas nas entrevistas.

Dessa forma, como sinalizado ao longo do texto, as ações governamentais encontram limites. No caso estudado, se a dimensão da *communitas* se instala, se há igualdade em relação à situação de aprendizado e ao conteúdo a ser apreendido – a latino-americanidade – há desigualdades sensíveis, como as de raça/etnia, gênero e nacionalidade, que não desaparecem, pelo contrário, são acionadas pelo encontro. Ao fim do processo, a volta à estrutura traz pessoas com novos sonhos; porém retornam a velhos pesadelos muito reais. E para alguns segmentos sociais, a desigualdade social nunca é totalmente suspensa, e segue para além dos sonhos.

Um novo ambiente político e ideológico se desenha no horizonte a partir da recente eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Nessa direção, após uma política externa isolacionista e em particular francamente hostil ao bloco econômico do Mercosul do governo anterior, trata-se agora de um explícito resgate e valorização das relações entre os governos da região, com a promessa de retomada e do fortalecimento de atuações conjuntas. Nesse contexto, o presidente Lula, em março deste ano, durante a visita a Itaipu

para a posse do novo diretor da hidrelétrica Binacional, frisou o compromisso de “reconstruir a Unila” e finalizar inclusive obras nos *campi* da universidade (cf. portal.unila.edu.br, publicado em 16 mar. 2023).

É preciso dizer que, apesar de novas políticas e das boas intenções, a estrutura, as hierarquias e as violências seguem fortes e limitam a potencialidade das ações propostas. No entanto, os sonhos também seguem, assim como os movimentos para alcançá-los. Nessa dinâmica, a vida social se faz e se refaz ao longo da história.

Referências

ALMEIDA, Larissa Rosevics de. **O Mercosul educacional e a criação da Unila no início do século XXI** – por uma integração regional via educação. 2015. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

BRANDENBURG, Uwe; DE WIT, Hans. *The end of Internationalization*. In: **International Higher Education**, n. 62, Winter, p. 13-17, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. CAPES. **A internacionalização da universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**, 2017. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/pt/>. Acesso em: 28 jun. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 12.189, de 12 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dá outras providências. Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12189.htm Acesso em: 28 jun. 2019.

CÁRDENAS, Linda Osiris González; WEBBER, Maria Aparecida. “Quando o ‘outro’ está em casa: mobilidade guarani na Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai”. In: **Iberoamérica Social**, Ano 5, n. 9, 2018, pp. 39-54.

CARREIRA, Denise; HERINGER, Rosana. “Avaliação das políticas de Ação Afirmativa no ensino superior: resultados e desafios futuros”. Link: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2021/Avai%C3%A7%C3%A3o-da-s-pol%C3%ADticas-de-a%C3%A7%C3%A3o>

afirmativa-no-ensino-superior-no-Brasil-resultados-e-desafios-futuros, novembro de 2021. Acesso em 07/08/2022.

CECCHETTO, Fátima **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

CEPAL. Site institucional: www.cepal.org/pt-br. Acesso em 19/06/2022.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis. Por uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DE FREITAS, Lima; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab (Comitê de Redação). **Carta da Transdisciplinaridade**. In: I CONGRESSO DA TRANSDISCIPLINARIDADE, Convento de Arrábida, Portugal, de 2 a 7 de novembro de 1994. Arrábida, Portugal, nov. 1994. Disponível em <https://www.iconos.edu.mx/congre3/css/documentoshistoricos/cartatransd/Portugues.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GONZÁLEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: SILVA, L. A. *et al.*, Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, Anpocs, n. 2, p. 223-244, 1983.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Revista **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, jan./jun.1988.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno Estatístico Município de Foz do Iguaçu**. Governo do Estado do Paraná, junho de 2022.

PENHA LOPES, Vânia. **Pioneiros: cotistas nas universidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Paco Editorial, 2013.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. In: SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo (orgs.) **Raça: novas perspectivas antropológicas**. Salvador: UFBa, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254-10.pdf>. Acesso em 20/05/2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar>. Acesso em: 7 ago. 2022.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Leste: vidas e vendas num mercado de fronteira**. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, tese de doutorado, 2004.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**. Salvador: EdUFBa, 2007.

SANTOS, E. Internacionalização da educação superior: a opção geopolítica pela integração regional nos casos da Unila e da Unilab. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 3, p. 30-51, set./dez. 2017.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

ANEXO I Universidade Federal da Integração Latino-Americana

PAÍSES	ESTUDANTES
Angola	1
Argentina	87
Barbados	1
Benin	1
Bolívia	71
Brasil	4.609
Chile	66
China	2
Colômbia	418
Costa Rica	16
Cuba	44
Dominica	1
El Salvador	31
Equador	54
Estados Unidos	2
Gana	4
Guatemala	12
Guiné Bissau	12
Haiti	281
Honduras	21
Itália	1
Japão	7
Libano	2
Moçambique	1
México	13
Nicarágua	8
Panamá	8
Paquistão	1
Paraguai	476
Peru	180
República Dominicana	19
República do Congo	1
Rússia	1
Síria	1
Togo	1

Total de estudantes brasileiros: 4.609.

Total de estudantes internacionais: 1.957.

Fonte: Painel Integrado de Indicadores e Informações Institucionais. *Site* institucional da Unila. Acesso em 8 ago. 2022. Dados de 2022.

ANEXO II

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Tabela 2 - Número de estudantes por raça/cor/etnia

RAÇA/COR/ETNIA	ESTUDANTES
Indígena	195
Pretos	804
Pardos	1.639
Branco	3.175
Amarelos	122
Não declararam	662

Total de estudantes brancos: 3.175. Total de estudantes não brancos: 2.760. Total de estudantes negros (pretos e pardos): 2.443. Dados de 2022.

Fonte: Painel Integrado de Indicadores e Informações Institucionais. Site institucional da Unila. Acesso em 08/08/2022.

Notas

¹ Agradeço à professora. Cathy McIlwaine, que me recebeu na estadia no King's College London, onde desenvolvi parte da pesquisa, e também à professora Cornélia Eckert, do Departamento Antropologia da UFRGS, onde fiz meu estágio pós-doutoral. Meu agradecimento ainda a Mariana Costa e Ana Luisa Hickmann, que foram minhas assistentes de pesquisa e a quem muito devo na condução de várias das entrevistas.

² Para interessante estudo a respeito das primeiras ações afirmativas no Brasil e seu alcance, cf. Penha Lopes, 2013. Para dados recentes, cf. Carreira e Heringer, 2021; ver ainda a página do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa – GEMAA: <https://gemma.iesp.uerj.br/>. Acesso em 7 ago. 2022.

³ Para políticas de internacionalização do ensino superior mais recentes, cf. BRASIL, 2017

⁴ Esses acordos reforçaram a abertura dos portos brasileiros ao Paraguai e ajudaram a consolidar, naquele país, um importante centro comercial: Ciudad del Este (RABOSSI, 2001).

⁵ Portal da Unila: <https://portal.unila.edu.br/> Acesso em 6 ago. 2022.

⁶ Quanto ao acirramento da violência política da extrema-direita na região, registre-se, em 9 de julho de 2022, já durante a campanha para eleição presidencial, o assassinato a tiros de Marcelo Arruda, filiado ao Partido dos Trabalhadores, por um apoiador do ex-presidente de extrema-direita, que invadiu a festa de aniversário do petista, realizada num clube, e cujo tema era justamente a campanha de Lula à presidência.

⁷ Cf. <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/universidade-repudia-agressao-estudante-haitiano-em-foz-do-iguacu.html>. Acesso em 23/4/2018.